1.º ANNO — 1895
FEVEREIRO

VOZ DE S. ANTONIO

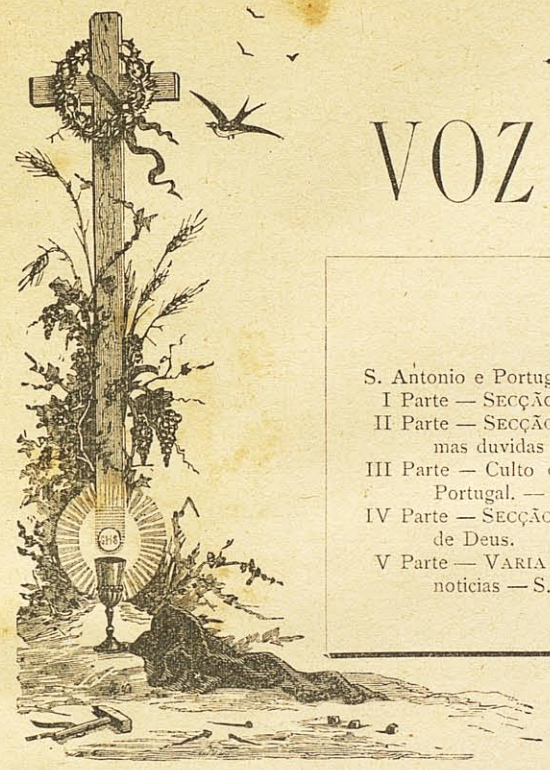
REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

ORGÃO DA PIA UNIÃO

TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
74, LARGO DE S. DOMINGOS, 76

PORTO — 1895

N.º 2 — FEVEREIRO 1895



VOZ DE S. ANTONIO

SUMMARIO

S. Antonio e Portugal.
I Parte — Secção doutrinal: Doutrina Mystica de S. Antonio (continuação).
II Parte — Secção historica: Vida de S. Antonio — Lisboa — Pia União; Solução d'algumas duvidas; Museu Antoniano; Chronica.
III Parte — Culto de S. Antonio na Syria. — Festas centenares na Italia, na America e em Portugal. — Chronica do Pão dos pobres. — Um marido inesperado.
IV Parte — Secção scientifica: O transformismo em face do dogma — Poesia de João de Deus.
V Parte — Varia: Encyclica do Papa aos Bispos dos Estados-Unidos — Escandalo — Varias noticias — S. Francisco e Fr. Leão — Periodicos recebidos.

Redacção e Administração: Collegio de S. Boaventura — Braga

Santo Antonio e Portugal

E' com verdade que se disse sempre o que a experiencia tem demonstrado ser um principio da anthropologia e da historia, que, para conhecer bem um homem, comprehender o seu caracter e avaliar devidamente a importancia da sua missão, quer na familia, quer na sociedade, é preciso recorrer á sua procedencia, examinar-lhe o berço que o acalentou e a patria que lhe serviu de mãe. — Para com os Santos, este principio pode applicar-se quasi com o mesmo rigor.

Quem, ao contemplar ainda hoje os ferteis e formosos valles da Umbria e as suas encantadoras colinas, em que a belleza propria dos campos se alia a um mixto de severidade e rudeza, não sente transportar-se pela imaginação aos grandes tempos de Italia na idade media, e não se lhe affigura experimentar em si mesmo os nobres sentimentos dos heroes d'aquella epocha, com todas as suas paixões, soffrimentos, humilhações e aspirações? E no meio do turbilhão d'essas grandiosas recordações desenhar-se-lhe no espirito, nitida e brilhante a sympathica figura de Francisco d'Assis, como um todo harmonico, formado por aquella vida ascetica cheia de encantos, passada na penitencia que consola, adornada d'aquella mansidão poetica que a caracterisa, em cuja alma se nutre o odio da escravidão, ao mesmo tempo que a ternura pelos pequenos e fracos é sem igual? E tão bellas qualidades coroadas pela mais nobre de todas, o enthusiasmo pela pobreza que o arrebatava em transportes de amor seraphico? Francisco resumiu em si toda a Italia. Elle era a formosura dos seus valles, a fecundidade dos seus campos, o ardor dos seus guerreiros, o soldado da sua liberdade, o genio dos seus poetas, o ideal dos seus artistas. Elle era o apostolo da sua fé, o brazão das suas armas, o orgulho dos seus fidalgos e a perfeição dos seus santos.

Queremos contemplar igual quadro entre nós? — appliquemos o mesmo principio ao grande Thaumaturgo de Lisboa, e teremos a consolação de admirar na sua grandeza e heroismo a personificação immortal do heroismo nunca desmentido e da avita grandeza da nação que lhe foi berço, bem como da raça de quem herdou o sangue.

Portugal nasceu d'um acto de fé, sobre o campo da batalha. A sua origem anda envolvida no sobrenatural e cercada de milagres. Os principes fundadores da monarchia empunharam o sceptro e cingiram a espada á voz de Christo que lhes apparecia armado da sua cruz; e foi d'este Christo, filho do Deus vivo, que reina eternamente nos Ceus, que elles se declararam, desde o principio, os legados e logar te-

nentes na terra. Foi da Igreja Romana, mãe e rainha de todos os imperios que elles quizeram chamar-se, desde o berço, fieis vassallos e tributarios; e ao Papa, guarda da justiça e da fé, foram pedir a sancção da sua auctoridade, dos seus actos e das suas conquistas; emquanto d'acordo com os Bispos e debaixo da sua direcção, formaram o primeiro codigo e promulgaram as primeiras leis.

Pois bem! De tão gloriosas tradicções e de tão alevantado espirito que vivificaram e illuminaram a aurora da monarchia portugueza, Antonio de Lisboa foi como que o epilogo mais perfeito e a mais gloriosa manifestação. E com effeito; d'entre todos os illustres filhos de Portugal, Antonio foi dotado d'aquella fé invencivel e santamente obstinada, que transporta montanhas e produz os milagres. A sua vida inteira, é um triumpho continuo da fé. E' pela fé que elle, simples menino do côro da Cathedral de Lisboa, illude os assaltos da infernal serpente que põe em debandada com um leve signal da cruz, traçado sobre uma parede. Foi a fé que o armou para vencer a lucta que teve de sustentar no momento de abandonar o palacio de seus nobres pais, para dar entrada no mosteiro dos conegos de S. Cruz de Coimbra, e mais tarde, alistar-se, após de Francisco d'Assis, na milicia da extrema pobreza evangelica. Quem, senão a fé que o animava, o levava a desafiar publicamente os herejes para os reduzir, e chamar em seu auxilio o testemunho visivel do ceu para coroar a sua victoria? Quem, senão a fé que o abrazava, o fazia operar milagres a cada passo que dava, levantando-se, á sua passagem, os enfermos e resurgindo os mortos? Quem, senão a fé, o transportava n'aquelles extasis sublimes onde á vista de Jesus e Maria, a sua alma começava a gosar antecipadamente das bellezas da eternidade? — Pela fé Antonio foi sempre o soldado aguerrido e o defensor intrepido da Igreja de Jesus e do seu pontifice infallivel, cujos direitos fez acatar por toda a parte e cuja honra achou sempre n'elle o mais invencivel paladino.

Foram os Cavalleiros das Crusadas, companheiros do Cid, guerreiro de fina tempera, que fundaram Portugal, sobre as provincias conquistadas aos mouros, inimigos da fé christã. Combatendo sem treguas e á porfia asseguraram a sua independencia e riscaram as suas fronteiras. S. Antonio herdou com abundancia o espirito portuguez. Foi uma alma de soldado, que sonhava com as batalhas. Mas, como Francisco d'Assis, seguiu a Christo por chefe, tomou por bandeira a cruz, cingiu por espada a palavra, e em logar de arnez, eram as virtudes que o cobriam; e, assim armado, declarou guerra ao vicio, á heresia, ao erro, á corrupção, á tyrannia e á oppressão dos pequenos e dos fracos. As suas victorias são o poema da mais gloriosa das epopêas. Ao pé d'ellas empallidecem as mais brilhantes façanhas, como se eclypsam os altos feitos dos nobres gardingos de Castella, e os arrojados acommettimentos dos indomaveis cavalleiros de Bragança. Falla, e a sua palavra é um fogo que devora; é uma espada que penetra e derruba os adversarios da verdade e da justiça, e convence os mais obstinados peccadores. Prega, e a sua doutrina é um martello herculeo que esmaga os herejes e faz rarear as suas fileiras. Apparece em campo, e os tyrannos vencidos tremem nas suas cidadellas. Não foi, pois, sem justo motivo que, n'um dia de enthusiasmo e reconhecimento, os seus concidadãos de Lisboa proclamaram a Antonio General do exercito portuguez. O descendente de Godofredo de Bulhão, d'esse santo d'alma ardente e bellicosa, que tão nobremente combateu na terra os gloriosos combates de Jesus Christo, não podia deixar de proteger do alto dos ceus, os soldados da sua patria sobre os campos da batalha. E Portugal bem sabe quanto tem valido ao seu exercito a protecção poderosa de Antonio, seu General.

Mas, Portugal não foi sómente o paiz dos valerosos capitães; foi tambem a nação dos intrepidos exploradores. Era elle ainda bem joven, e já os mares gemiam com o peso das suas naus. Assentado á beira do Oceano mysterioso e immenso, Portugal sentiu-se attrahido irresistivelmente pelo seu poder magico. E com effeito, á actividade incessante dos filhos da Lusitania eram necessarias novas ilhas a descobrir, novas praias a explorar, novos continentes a ajuntar ao mundo conhecido, e novos vassallos a dar a seu Rei, e, sobre tudo, novos filhos a Christo! — Pois que, no dizer do proprio Leão XIII, a gloria eterna de Portugal é de não ter jámais separado, no seu glorioso passado, a causa de Deus da causa da patria; e emquanto sujeitava a si a terra, de ser toda a sua ambição e pensamento constante, fazer raiar aos olhos dos infieis a luz do evangelho e plan-

tar em todos os pontos do globo a cruz do Salvador. [1]

Quem ha, pois, que não veja em Santo Antonio a personificação radiante d'esse nobre espirito portuguez, que podemos chamar espirito de proselytismo divino? E' sabido como a seu coração de apostolo era estreito o solo natal; como, a exemplo e sobre as pisadas dos primeiros martyres franciscanos, os cinco de Marrocos, elle se abalançou á conquista das margens da Africa em busca das almas e de quem, pela salvação d'ellas, lhe fizesse derramar o sangue que lhe corria nas veias. Frustrado no seu intento pela Providencia, que o conduziu á Europa, todos sabem como elle percorreu, qual mensageiro incançavel da verdade, a Italia e a França sem jamais recuar nem diante dos obstaculos, nem dos perigos, nem das ameaças dos homens e dos demonios.

Portugal, engastado na peninsula iberica, partilhou com a Hespanha grande quinhão das suas glorias; como ella, Portugal foi a nação da theologia e da ortodoxia. A' sombra das suas abbadias e no claustro dos seus mosteiros, criaram-se as escholas e as academias que foram os asylos e os seminarios d'ambas as sciencias, sagrada e profana. Seus doutores e bispos, seus monges e inquisidores, foram, entre todos, os guardas mais zelosos e inflexiveis da pureza e da integridade da fé. S. Antonio foi fructo genuino d'este fertil terreno. Foi theologo e foi doutor. A' sombra da Cathedral de Lisboa e sob as abobadas do claustro de Santa Cruz, adquiriu tão profundo conhecimento da Sagrada Escriptura, que Gregorio IX lhe chamou a «Arca do Testamento», e o proprio S. Boaventura celebrou com admiração a maravilhosa sciencia dogmatica e moral que adornava tão portentoso varão. A doutrina catholica foi por elle defendida e vingada á face do mundo inteiro, e o erro reduzido ao silencio ou completamente aniquilado, e por elle tambem a sciencia foi estampada na fronte de todos os filhos do patriarcha S. Francisco, donde jamais se extinguirá. Poderiamos alongar o confronto, mas o que dissemos é mais que sufficiente para evidenciar a these estabelecida.

Mas, ai! sobre a velha terra catholica portugueza onde nasceu S. Antonio, o sopro da revolução, mais talvez do que nenhures, tisnou as flores das virtudes heroicas com que Portugal entretecera a sua corôa! Sobre este solo abençoado amontoou ruinas e cavou abysmos! Passaram dias nefastos em que Portugal intentou quebrar a cadeia d'ouro das suas tradições seculares d'onde pendiam a sua fé antiga, o seu valor christão, o seu ardor pelo apostolado e a sua orthodoxia sem rival, que pareceram, por um momento, sossobrar para sempre! Mas Deus, que fez as nações curaveis, não consentirá jámais que Portugal das Quinas deixe de ser contado no numero das nações, nem que as Cinco Chagas cessem de fluctuar no mais religioso dos pendões. Presentemente uma aragem suave de inesperada regeneração atravessa este desditoso paiz, que, animado por um espirito novo, se volta cheio de confiança e d'enthusiasmo para o grande Thaumaturgo portuguez, sua gloria e mais firme esperança.

Ao approximar-se o centenario do seu nascimento, Portugal prepara-se para o celebrar dignamente, e mostrar ao mundo inteiro que ainda vive da fé e que tem esperança em dias mais felizes, que lhe hão de vir por intercessão d'aquelle a quem vae dirigir as mais fervorosas preces no dia do seu nascimento. E S. Antonio não poderá ficar insensivel ao testemunho universal de seus irmãos, ao preito de amor nacional, ao concerto unisono de fervorosas preces que n'esse dia se elevarão do coração de todos os portuguezes, unidos aos fieis do mundo inteiro, para, junto do throno do Altissimo, implorar por sua intercessão dias de felicidade para o reino fidelissimo!

São estes os nossos votos e as nossas esperanças bem fundadas; porquanto, o empenho em celebrar o setimo centenario de Santo Antonio não é só espontaneo no povo sempre fiel, é enthusiasmo tambem das classes elevadas e de todas as jerarchias da sociedade. Falla-se em cortejos civicos; que venham e se tornem dignos do maior dos nossos heroes. Falla-se em pomposas solemnidades religiosas; que se realisem e sejam iguaes ás que mais solemnes se hajam porventura celebrado alguma vez. Ventila-se a ideia d'um congresso catholico; applaudimos, e achamol-o apto para recordar a doutrina de Antonio ao povo portuguez. Que tudo isto se realise e não será nada superfluo como preito de amor, de gratidão e de filial devoção para com o santo dos milagres, o grande Thaumaturgo portuguez.

[1] Encycl. aos bispos de Portugal, 14 de setembro 1886.

Doutrina Mystica de S. Antonio

INTRODUCÇÃO

(Continuada)

A PARTE principal da doutrina prodigiosa de S. Antonio, que mais eleva o espirito e abraza o coração, é talvez a tradição viva, conservada na memoria de todos e redita por todas as linguas, dos seus portentosos milagres e prégação apostolica. Todavia, alem d'esta tradição, temos ainda, felizmente, alguns fragmentos das suas obras. E' sobre estes que havemos de estudar, procurando apossarnos do espirito que os dictou, e apprehender, quanto possivel, os mysterios da profunda sabedoria que alli se acham escondidos.

Conhecer, porém, as obras d'um santo, não é cousa facil. Um santo não é somente um sabio, é mais do que isso. Para interpretar um sabio, basta sel-o; mas não basta ser sabio para interpretar um santo; é necessario, para este fim, ser tambem santo. Comprehender as obras d'um santo, é estudar o seu pensamento intimo, ler no seu coração e participar das suas confidencias, é seguir os conselhos da sua experiencia e penetrar os segredos da vida espiritual que o immortalisou. Ler os escriptos d'um santo é expor o coração e a vontade aos raios luminosos das suas virtudes e ao calor fecundo dos seus exemplos. Porque um santo, quando escreve, pinta-se a si mesmo, e, sem o querer, fala-nos das virtudes que praticou, das graças que recebeu, dos combates que sustentou; n'uma palavra, diz-nos o que elle foi na obra da propria santificação. D'aqui a força persuasiva que se encontra nas vidas dos santos para conduzir á virtude que elles praticaram. Estas considerações levaram-nos a offerecer aos amigos de S. Antonio, e sobretudo aos leitores da sua *Voz*, a doutrina espiritual de tão gracioso santo, tal qual a pudermos auferir das suas obras. Infelizmente, S. Antonio não escreveu um tractado, propriamente dito, de mystica ou perfeição christã. Não compoz uma d'essas obras methodicas como as modernas; que, gradualmente e em progressão sempre crescente, conduzem as almas primeiro ao horror do vicio, depois ao conhecimento e ao amor de Deus, d'aqui á pratica facil da virtude e por ultimo á união intima com Deus, principio e fim de toda a perfeição e santidade. — Os diversos capitulos de doutrina espiritual apontados por S. Antonio, que reunidos formariam um tractado sublime de perfeição, acham-se dispersos aqui e alem na variedade das suas obras, produzindo entre ellas o effeito da belleza e fragrancia das flores esmaltando os prados, no coração da primavera. O nosso officio será ir colhendo uma a uma todas as flores para com ellas compor um formoso ramalhete que possamos offerecer aos nossos leitores, ou entretecer com ellas uma riquissima grinalda para adornar as almas que desejarem assimilhar-se a S. Antonio copiando as suas virtudes.

Os jardins onde iremos colher estas flores são riquissimos e variados. Temos, em primeiro logar, os *Sermões*, que formão a parte principal dos escriptos de S. Antonio e que podem ser divididos em tres secções geraes, segundo a materia fundamental de que se occupão. Assim, temos os *Sermões do Tempo*, *Sermões do commum dos Santos*, e *Sermões dos Psalmos*. Escreveu tambem S. Antonio as *Concordancias Moraes da Biblia*, que não são outra cousa mais do que um plano de vida christã traçado com textos da Sagrada Escriptura, applicados ás circumstancias mais minuciosas da vida, e adequados a todo o genero de occupações em que é possivel o homem empregar-se. — Entra no numero das suas obras a *Exposição Mystica da Sagrada Escriptura*. Esta *Exposição* contém, por ordem, a explicação abreviada que S. Antonio dava a cada uma das partes dos livros Santos. Esta obra é genuina, pelo menos emquanto á materia; ha porém alguma duvida emquanto á fórma pela qual estas explicações estão dispostas. Crê-se que morrendo S. Antonio, sem tempo para dispôr ordenadamente o que havia explicado, mão diversa recolheu os escriptos dispersos do Santo, e os collocou por ordem, segundo os livros e capitulos da Escriptura Santa. O que é certo, é que o conjuncto das suas obras póde comparar-se a uma rica mina inexaurivel, não só de preceitos e maximas, tão bellas pela fórma concisa por que estão expressas, quanto profundas pela ideia que as concebeu, mas tambem de tractados lucidissimos de perfeição. E' na exploração d'esta mina que tencionamos trabalhar, e gostosamente iremos apresentando aos amigos de S. Antonio e aos desejosos da verdadeira riqueza o resultado das nossas investigações. Estou certo que por todos estes ha de ser tido em grande estima o thesouro que se acha escondido nas obras de S. Antonio, se fôr devidamente explorado. E' sobretudo na elevação da ordem natural á sobrenatural que S. Antonio se excedeu a si proprio. Toda a terra para elle é uma imagem do ceu; em cada força da natureza descobre a existencia d'um espirito superior, em cada elemento um agente d'um poder occulto, nas propriedades das plantas, no instincto dos animaes, na folha cahida da arvore, no grão de areia, na fêvera da herva elle acha mysterios de sabedoria profunda, que todas as cousas dispoz com ordem, peso e medida; finalmente, na belleza e perfeições das creaturas, que sempre trazemos diante dos olhos, Antonio achou um espelho onde de contínuo vê representada a belleza e perfeições infinitas do Creador.

Citemos apenas um exemplo da facilidade com que S. Antonio sobe da ordem natural á moral, e com que agudeza de espirito elle sabe espiritualizar tudo. Logo no primeiro capitulo da sua *Interpretação mystica á Sagrada Escriptura*, elle examina a obra dos seis dias da creação, e expõe moralmente o verso: «no principio creou Deus o ceu e a terra», do seguinte modo: «no principio criou Deus o ceu e a terra, entenda-se, o continente e o conteudo. Deus Padre no principio, isto é, em

seu Filho, criou e recriou; criou (o mundo material) em seis dias, descançando no setimo; recriou (o mundo moral) em seis artigos de fé promettendo no setimo o eterno descanço.

No 1.º dia disse Deus faça-se a luz; e o primeiro artigo é o nascimento de Jesus Christo. — No 2.º dia disse Deus faça-se o firmamento, no meio das aguas; o 2.º artigo é o baptismo. — No 3.º dia disse Deus á terra que produzisse a herva verde, as sementes, e as arvores fructiferas; o 3.º artigo é a Paixão de Christo (fructo da arvore da cruz, e chamado por Isaias o ramo verde). — No 4.º dia fez Deus apparecer no firmamento dois grandes lumes; e o 4.º artigo é a Resurreição. — No 5.º dia fez Deus as aves do ar; o 5.º artigo é a Ascenção. — No 6.º dia fez Deus o homem infundindo-lhe o espirito de vida; o 6.º artigo é a Vinda do Espirito Santo. — No 7.º finalmente descançou; e o 7.º artigo será a Vinda de Christo no grande dia de Juizo em que se dará o eterno descanço de todos os trabalhos.

E d'aqui passa a examinar o que se deve entender moralmente por cada uma das obras da criação; o que seja a luz, o firmamento, as plantas, as aves etc. concluindo pela criação mystica da alma, que, jazendo nas trevas da culpa, se eleva á luz da graça por meio de seis operações principaes figuradas nos seis dias da criação. — Ao ler-se este capitulo fica-se extasiado na contemplação dos vôos d'um espirito que tão facilmente se desprende da terra que pisa, para se elevar a regiões mais nobres, a ideias mais sublimes que o vulgo nem de leve enxerga na materialidade das cousas. Oxalá nós podessemos acompanhal-o nos seus raptos; oxalá podessemos, como elle, espiritualizar a materia, descobrir ouro onde os demais apenas veem terra, e saborear o que aos outros sabe amargo; seriamos felizes com isso e os nossos leitores tambem. Porém, muito faz quem muito deseja, e como a nossa vontade é forte, não ha que desesperar. Unicamente nos resta dizer, como o anjo ao Propheta, *tolle et lege*, tomai e lede. Sacerdotes, que tendes ao vosso cuidado a direcção espiritual das almas e que deveis vós mesmos aspirar á perfeição a que nos obriga a santidade do nosso estado, tomai e lede os dictames que nos prescreve S. Antonio. Christãos, que desejaes tornar-vos dignos do nome que trazeis, tomai e lede, achareis em S. Antonio a regra da vida propria do vosso estado, na certeza de que se vos conformardes com ella sereis felizes. A toda a sociedade em geral dizemos, tomai e lede; desejaes paz, felicidade, protecção, consultai a doutrina maravilhosa de S. Antonio; ella é a que faz milagres a que consola os corações, sára todas as feridas e enxuga todas as lagrimas. Tomai e lêde!

Secção Historica

HISTORIA DE S. ANTONIO DE LISBOA

INTRODUCÇÃO

§ II

Papel que exerceu a Egreja na evolução social. — Influencia moral do Pontificado Romano na edade-média. — Frederico Barbaroxa; *Guelfos* e *Gibelinos*; Francisco d'Assis e seus Filhos. — S. Antonio de Lisboa e Ezzellino; victoria da Egreja. — Premio dos perseguidores da Egreja. — Apostolado de S. Antonio no seu e no nosso seculo.

A Egreja Catholica, com o soberano influxo de seus dogmas e preceitos, e com a unidade da fé e brandura dos costumes, ia persuadindo aos senhores feudaes o inconveniente que havia na excessiva multiplicação da auctoridade, que, por motivos ás vezes pouco ou nada plausiveis, era causa necessaria de continuas guerras e contendas. A unidade universal fôra uma utopia, porque a collocação geographica, o maior ou menor grau de civilização, a diversidade dos idiomas e dos costumes, o proprio amor da independencia nacional, tudo exigia uma tal ou qual divisão. E ahi está a origem das nacionalidades, ficando intacta a unidade da fé e a pureza dos bons costumes.

D'est'arte ficou santificado o amor da patria com o da religião, permanecendo illeso o principio da auctoridade, e por conseguinte da ordem.

O principio exaggerado da liberdade, connexo com o de pluralidade, e o de centralismo com o de unidade, foram mitigados com a nova economia social. Estes dois elementos, de universaes que eram, nacionalizaram-se; havia desegualdade nos limites, mas não havia a menor diversidade nas inclinações.

A guerra continuou, latente sim, mas real. Umas vezes fica senhor do campo o centralismo, outras a liberdade, por vezes exaggerada. Quando a liberdade vence, temos a republica de todas as côres, e ás vezes a anarchia; quando vence o centralismo, temos a monarchia e não raras vezes o absolutismo; o combate interno d'estas duas tendencias preparou o caminho ao parlamentarismo moderno.

Contra a logica dos factos não ha argumentos; e os factos o que nos dizem é isto.

*

Durante a edade-média o influxo da Egreja era extraordinario. O Summo Pontifice era tido na devida conta por governantes e governados. Quando a justiça e o dever o exigiam, não temia o Vigario de Jesus Christo arrostar com o poder civil. A excommunhão e a deposição eram uma arma poderosissima, com que arreou por vezes do throno os que ousavam affrontar os fóros sacrosantos do Direito.

E, quando o Supremo Chefe da Egreja falla-

va, senhores, reis e imperadores haviam de inclinar a cabeça e obedecer — e obedeciam. Houve, porém, rebeldes, que não só desprezaram as penas espirituaes, mas levaram o sacrilego atrevimento a quererem esbulhar o Summo Pontifice dos seus mais sagrados direitos.

Determinára a Divina Providencia, para o livre exercicio do seu sagrado ministerio, dar ao Summo Pontifice os fóros da realeza. O Grande Constantino foi o primeiro instrumento de que Deus se serviu para levar a cabo seus admiraveis designios. Roma sempre foi o centro d'onde promanaram os salutares ensinamentos da fé christã. De Roma, do alto do Capitolio, o Senado Romano havia dado leis ao mundo, era de lá que os Cesares impunham sua vontade ao universo. D'esse mesmo centro um novo imperador dirigia as redeas d'um governo mais extenso, mais nobre, mais universal: — era o reino das intelligencias e dos corações.

O Vigario de Christo era duas vezes rei, ou melhor, era Pontifice e era ao mesmo tempo Rei, o Pontificado deu-lh'o Jesus, contra quem não ha poder no céo nem na terra: *et non prævalebunt;* o reinado exige-o a liberdade do seu ministerio sacrosanto, exige-o a sublime dignidade de que está revestido, exige-o o poder de pae espiritual, que é, de reis e subditos, até o exige o amor de todos nós que o chamamos — e é — nosso Pae amantissimo.

Assim o entendeu Constantino, e assim o entendeu Carlos Magno; mas porisso elles foram grandes.

*

Foi contra este poder temporal que se revoltou, na edade media, que a largos traços vamos historiando, o impio Frederico Barbaroxa, imperador d'Allemanha, excitando contra o Vigario de Jesus Christo os animos dos subditos fieis.

D'ahi nasceram dous grandes partidos, que se guerreavam de morte: *Guelfos* e *Gibelinos;* estes favoreciam os intentos impios e usurpadores de Frederico II, aquelles sustentavam a causa da verdade, da patria e da fé, que era a do Papa.

Os Gibelinos eram sanguinarios, usurpadores, rapaces; na sua passagem só deixavam apoz si sangue, luto e lagrimas.

Os Guelfos tornaram-se celebres, porque entre elles, estremando excepções, reinava a moralidade e a pureza: seu intuito não era a guerra, senão a paz.

Apparecera então na Italia um homem, que com palavras e exemplos ensinava aos homens a pratica do Santo Evangelho. Seu nome era Francisco, Assiz foi sua patria. Fundou tres ordens: — á primeira pertenciam os que desejavam cumprir á letra a mais perfeita doutrina do Evangelho; chamou para a segunda senhoras, que, despresando o mundo, só queriam viver para Jesus Christo; na terceira Ordem alistou homens e mulheres de todas as idades e condições, que, sem deixar o lar domestico, podiam observar com segurança a lei de Christo.

Foram estas Ordens, principalmente a primeira e terceira, um poderoso auxiliar para o partido do Romano Pontifice.

Fizeram maiores males a Frederico II os Religiosos de S. Francisco e os Terceiros, do que os exercitos pontificios.

*

Entre todos porém foi terrivel contra o usurpador Santo Antonio de Lisboa.

Representava então o imperador aquelle impio de Ezzellino, cuja crueldade era tanta que o povo chegou a persuadir-se que era filho do demonio, como canta em seus versos immortaes o elegante Ariosto:

Ezzellino, immanissimo tirano
Che fia creduto figlio del demonio...

Perseguia Ezzellino de morte todos aquelles desgraçados que não abraçavam as doutrinas perversas que elle sustentava, ou que não obedeciam ás suas tyrannicas ordens.

Desgraçado d'aquelle que ousasse contrarial-o por qualquer fórma: esperava-o a morte mais affrontosa. O seu pão quotidiano era derramar o sangue innocente, roubando-lhe seus haveres.

Mais parecia um demonio encarnado do que homem verdadeiro, tanta era sua refinada crueldade!

Era tão cru Ezzellino, que o elegante Ariosto não duvidou affirmar que em sua comparação até Mario, Scylla e Nero pareciam benignos.

Ninguem se atrevia a arguil-o de suas maldades.

A Egreja de Deus, essa gemia vendo a cruel morte que aquelle perverso dava a seus filhinhos.

A auctoridade do Vigario de Jesus Christo era sacrilegamente postergada e despresada.

Foi então que o nosso Grande Portuguez, Santo Antonio, cheio de zelo pela gloria de Deus e pelo respeito devido á Sé Apostolica, se foi ter com o tyranno, para o censurar de suas crueldades.

Havia n'essa occasião Ezzellino dado cruel morte a muitos cidadãos de Verona.

Ezzellino, em cuja presença tremia toda a Italia, não fez tremer o nosso Grande Portuguez, que, descalço, vestindo o pobre habito de S. Francisco, cingido com rude corda, atravessa com dignidade as guardas avançadas de Ezzellino, e, admittido á sua presença, o censura e reprehende com uma liberdade toda apostolica, e em tom de auctoridade lhe brada: «Inimigo de Deus, tyranno, cruel, cão raivoso, até quando derramarás tu o sangue innocente dos christãos? A mão de Deus está sobre ti, miseravel!»

As palavras do nosso Santo assombraram o tyranno, e encheram d'espanto os sanguinarios proselytos que o rodeavam. Elle, que não soffria a menor reprehensão, nem a mais leve contrariedade, sem lavar no sangue do audaz a ousadia, parou á vista d'Antonio.

Temia mais Ezzellino as palavras animadas

pelo ardente zelo da gloria de Deus d'este Santo Religioso, do que todos os exercitos dos Guelfos.

Santo Antonio, reconhecendo que Ezzellino era o maior inimigo do Patrimonio de S. Pedro, que se conhecia na Italia, e vendo os males que advinham das suas armas victoriosas, contra o dominio temporal e espiritual do Vigario de Jesus Christo, começou a prégar contra aquelle tyranno.

Se então Portugal, pequeno como era, não tinha um exercito que fosse defender a vida e a suzerania do Pae commum, lá tinha o representante da Patria querida — lá tinha o nosso querido Antonio, que valia muitos exercitos. Portugal era bem representado.

Suas palavras eram ouvidas, como oraculos d'um Propheta. O povo seguia-o aos milhares. Os inimigos do Romano Pontificado, que ao mesmo tempo haviam abraçado a heresia, abjuravam seus

CATHEDRAL DE LISBOA

Onde S. Antonio foi baptisado e recebeu a sua primeira educação

erros, a isso movidos pela convicção a que os obrigava a eloquencia simples mas arrebatadora de Antonio, e pelo espirito do Senhor, que transparecia de suas palavras, e arrastados ainda mais por suas virtudes e estrondosos milagres.

Com os esforços de tão glorioso athleta havia de por força vencer a causa da verdade e da justiça, — e venceu.

A causa do Vigario de Jesus Christo levou a melhor. A victoria da Egreja foi a ultima palavra. O Patrimonio do Romano Pontifice estava salvo. O nosso grande Portuguez, S. Antonio, foi o seu mais acerrimo defensor.

*

Os inimigos da Egreja pereceram como haviam vivido — miseravelmente. Quizeram combater aquella potencia espiritual e divina contra a qual, nem todo o poder do inferno poderá prevalecer «*et portæ inferi non prævalebunt.*»

E não ha acaso pontos de contacto entre o nosso seculo e o de Santo Antonio? Acaso não

serão quasi identicas as circumstancias em que se encontrava então o Vigario de Jesus Christo, e que o affligem actualmente?...

Então era a casa de Suavia quem perseguia a Egreja, e quem se assenhoreava dos Estados Pontificios; hoje tambem não falta quem persiga do mesmo modo o Successor de S. Pedro.

A casa de Suavia, mortalmente ferida pelo anathema pontificio e mal vista por todos os catholicos, que n'ella reconheciam a perseguidora da Egreja de Deus, perdeu o seu brilho, com a morte de Manfredo, sepultado debaixo d'um monturo, e com a de Conradino, degolado em uma praça publica de Napoles.

Deus Nosso Senhor desvie esses horriveis castigos d'aquelles a quem a revolução conferiu a tristissima honra de serem carcereiros do Summo Pontifice, abrindo-lhes os olhos para que sigam o caminho da verdade e da justiça.

E não é evidente que as mesmas desgraças que teve de soffrer a casa de Suavia, as estão já soffrendo os que agora perseguem o Pae commum de todos os fieis?

A tempestade já vem proxima. Se chega a estalar, ai das victimas!.....

*

Os mesmos males em identicas circumstancias exigem os mesmos remedios.

Quando, no seculo XIII, o Patrimonio era perseguido, uma phalange de Santos arvorou a bandeira da defeza, occupando o primeiro lugar na refrega o nosso Grande Santo Antonio. No nosso seculo os males são os mesmos, os inimigos, mais ou menos numerosos, teem o mesmo fim. Venha portanto S. Antonio animar-nos a combater pelo bem e pela verdade, senão com a sua pessoa, ao menos com a voz da sua doutrina e principalmente da sua vida.

Os Italianos disseram-n'o o Apostolo do seculo XIII; eu dil-o-hei d'um modo especial, o Apostolo do Patrimonio de S. Pedro.

Oxalá que a sua devoção leve os fieis de Jesus Christo a combater pela boa causa, e que seus esforços tragam ao Successor de S. Pedro dias mais felizes!

Venha a vida santissima do Grande Thaumaturgo animar-nos a combater corajosamente as guerras do Senhor!

Assim o esperamos!

LISBOA

Está situada esta cidade na parte mais occidental da Europa, junto ao Atlantico; é banhada pelo Tejo, um dos maiores rios da Europa, e que junto a Lisboa póde offerecer seguro asylo a grande numero de navios, como porto natural dos mais seguros que se conhecem. Se a tudo isto ajuntarmos um sitio sobremodo aprazivel e uma situação topographica e estrategica que nada deixa a desejar, não fôra exagêro se affirmassemos que Lisboa é uma das primeiras cidades da Europa.

*

Não concordam os historiadores em assignar a epocha precisa nem o verdadeiro fundador de Lisboa; a sua remota antiguidade porém é um facto incontroverso.

Alguns querem que esta cidade tenha sido fundada por Ulysses, pelos annos de 1372 antes de Jesus Christo, d'onde lhe veio o nome de *Ulyssipo*.

Este lhe deu por armas a nau *Argos*, que ainda conserva, havendo-se-lhe mais tarde accrescentado dois corvos, em memoria dos que milagrosamente acompanharam e defenderam o corpo de seu glorioso Padroeiro, S. Vicente Martyr, quando a ella abordou.

Outros attribuem a fundação d'esta cidade a Elisa, neto de Japhet, primeiro povoador da Europa, segundo a opinião mais provavel, e um dos tres filhos de Noé.

Seja como fôr, o certo é que Lisboa é indubitavelmente uma das cidades mais celebres pela sua antiguidade.

Sob o imperio romano era já mui celebre a nossa capital. Chamaram-lhe *Felicitas Julia*, e os Imperadores romanos lhe consagraram sempre a maior affeição, concedendo-lhe amplos privilegios.

Decoráram-n'a com o honroso titulo de *Municipio romano*; seus habitantes eram cidadãos romanos; estavam isentos de pegar em armas no caso de guerra, podendo comtudo seguir livremente não só a carreira da milicia, senão tambem aspirar aos mais altos cargos do Imperio, tanto no exercito como na politica.

*

Lisboa foi conquistada aos Mouros nos principios da Monarchia por D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, sendo auxiliado n'esta nobre e santa empreza por uma armada de cruzados, que iam em demanda do sepulchro do Redemptor.

Os factos gloriosos da historia patria lêem-se sempre com prazer e com interesse, nem outra coisa se havia de esperar de filhos piedosos; não será logo fóra de proposito dizer algumas palavras da conquista de Lisboa; demais que não vae isto muito fóra do nosso intento, gloriando-se essa bella princeza do Oceano de ser a patria de S. Antonio.

Havendo pois El-Rei D. Affonso Henriques estendido os limites dos seus dominios desde as Provincias d'Entre Douro e Minho até aos confins da Extremadura, desalojando das cidades que deviam pertencer a christãos, os mouros que as habitavam, e despojando as praças de seus defensores infieis, não podia levar á paciencia que a nobre Lisboa, capital da Extremadura, fosse vil escrava de mussulmanos; porisso desde muito determinára sugeital-a á sua obediencia. Guiava-o por certo a Providencia divina n'estes nobilissimos designios, porque a destinava para capital e emporio d'um reino que por tantos titulos havia de ser seu.

Era então Lisboa bem fortificada, e seus habitantes, que haviam já noticias mui certas do valor de Affonso Henriques, e dos que sob sua bandeira militavam, prepararam-se para defender com suas vidas, se tanto fosse preciso, a cidade que os vira nascer.

O amor das fazendas e a piedade que naturalmente os unia a suas mulheres e filhos, postoque lhes não tirassem de todo o medo, que tinham á espada victoriosa do Rei de Portugal, fazia-os comtudo, senão atrevidos, pelo menos corajosos e prudentes. Esperaram pois dentro dos muros da cidade o Campeão da fé de Christo, fiando-se mais na posição estrategica que os favorecia do que no valôr dos defensores, que havia esfriado muito com as feridas ainda abertas pelas lanças e espadas dos bravos de Affonso Henriques.

Muito outros eram os pensamentos do Rei de Portugal. Foi este principe mui esforçado e valente soldado, mas era ao mesmo tempo mui prudente na arte da guerra, que o valôr sem a prudencia não ficam bem n'um soldado, quanto mais n'um capitão, como as historias nos dizem que o foi Affonso Henriques.

Depois de ter senhoreado a Provincia da Extremadura, entrando castellos, tomando d'assalto praças, levando tudo a ferro e fogo, e tudo sujeitando á sua obediencia, lançou fóra do castello de Cintra todos os seus moradores.

E alli parou.

Faltava-lhe Lisboa, e essa antes de a entrar, era necessario pensar e pensar bem.

Era Affonso Henriques, n'essa occasião solemne, semelhante á aguia que deseja lançar-se na

LISBOA, PATRIA DE S. ANTONIO

(1) Casa onde nasceu S. Antonio, e egreja do S. Thaumaturgo.
(2) Sé Cathedral onde foi baptisado e recebeu a sua primeira educação.
(3) Egreja e Mosteiro de S. Vicente, onde fez o seu noviciado e abraçou a vida religiosa.

presa, mas que teme o cajado do pastor vigilante. Passeava elle ao longo das ameias do castello de Cintra, meditando no futuro da sua empresa.

Dois affectos o dominavam, querendo cada qual attrahir a si o coração do Joven Monarcha: era d'um lado a ardente esperança no poder de Deus, do outro as suggestões da prudencia humana; umas vezes o ardor do guerreiro, outras os dictames da prudencia militar. Não era que Affonso Henriques duvidasse sobre se deveria ou não apossar-se de Lisboa, isso era ponto assente, era resolução tomada pela sua vontade de ferro: ou havia de entrar Lisboa, ou morrer na empresa; o que unicamente o preoccupava era o modo como devia levar a cabo tão gigantesco projecto.

Ponderava elle os prós e os contras da empresa, a desigualdade do numero, as vantagens da posição, e via que tudo era a favor dos agarenos; da sua parte tinha o valor dos seus bravos portuguezes, tinha a justiça da causa, que era a da Fé, da Religião, de Deus; tinha a sacratissima promessa de Jesus Christo, feita no campo d'Ourique, e comprovada com uma victoria, que mais pareceu um milagre da mão do Omnipotente, do que um esforço do valor portuguez.

Eram estes os pensamentos do Monarcha, quando soube que lá no mar alto vinha em demanda de terra innumeravel multidão de navios.

Mandou logo alguns dos seus para que indagassem que navios eram aquelles, quem conduziam e qual o fim porque vinham buscar as terras de Portugal. Voltando contaram ao Rei como aquella armada era de christãos, na sua maior parte inglezes, francezes e flamengos, e que iam em demanda do santo Sepulchro de Christo, com o piedoso fim de expulsar dos logares santos os inimigos da fé.

Ouvindo Affonso tão feliz nova, deu graças a Deus que por sua infinita misericordia lhe enviava um reforço tão inesperado e de tanto valor para se apoderar de Lisboa; porque bem persuadido estava que tão piedosos guerreiros não deixariam de vir em auxilio de seus irmãos em negocio donde tanto se podia esperar em prol da Fé e da Religião.

Mandou, pois, recado ao general da Cruzada, Fernando, a quem chamavam o *Longa-Espada*, a fim de o persuadir a que o ajudassem a tomar Lisboa. Dizia-lhe o Monarcha na mensagem, que, pois iam tão longe buscar os inimigos de Christo, não era justo que deixassem socegados esses mesmos que tão perto de sua patria perseguiam seus Irmãos em Christo; que se ambicionavam gloria, alli a podiam ganhar; que os inimigos eram muitos e bem defendidos, e se queriam a palma do martyrio, não haviam mister ir á Syria, alli em Portugal a podiam ganhar, offerecendo suas vidas por amor de Christo em defeza da fé; e que finalmente a causa que elle pleiteava, não era sómente sua, mas de Christo; e que defender a bandeira de tão soberano Senhor era causa commum a todos os christãos.

Ouviram os Cruzados cheios de contentamento a mensagem de D. Affonso, reconheceram a justiça da causa, a honra que podia advir á armada do feliz exito de tão piedosa expedição, que de tanta gloria podia vir a ser para N. Senhor; e porisso pozeram á disposição de D. Affonso todos esses soldados, e todos os petrechos de guerra.

Estipularam-se as condições que punha o general, as quaes foram observadas com a mais escrupulosa fidelidade pelo Rei de Portugal, com satisfação grande de toda a Cruzada.

Começou o cerco de Lisboa, combatendo a cidade os Portuguezes da parte da terra, e os Cruzados da parte do mar. Foi porfiada a contenda de cercados e cercadores, mas finalmente foi tomada esta cidade, e entrada por D. Affonso Henriques a 21 d'outubro de 1147.

Aquelle dia marcou uma era solemne nos annaes de Lisboa, que ficou sendo propriedade de Portuguezes, e mais de Catholicos.

Desde aquella epocha, em Lisboa viram todos os seculos homens illustres por seu valor e coragem na guerra, e mais illustres ainda por sua sciencia e virtude. A historia imparcial que o diga, e sirvam tambem de testemunho inequivoco d'esta verdade as muitas e valiosas conquistas que fizeram outr'ora de Portugal o rei do Oceano, e que ainda hoje enriquecem o seu dilatado patrimonio.

São estas colonias dos portuguezes o pomo desejado, talvez o pomo da discordia, sobre que lançam vistas cubiçosas certas potencias que pouco escrupolisam em chamar seu pelo direito da força, o que a nós custou muito sangue, muito valor, muita prudencia e muita fé.

E ahi está o que foi e o que é a patria de S. Antonio — Lisboa — antiga, bella, rica, nobre, illustre!

PIA UNIÃO

Resolução d'algumas duvidas ácerca da Pia União. — Museu Antoniano. — Chronica.

Em França alguns membros da Pia União teem proposto certas duvidas ao padre director da «Voz de S. Antonio» franceza, e outro tanto tem acontecido com alguns do nosso Portugal. Vamos satisfazel-os em duas palavras:

Duvida 1.ª — *Que idade se exige para que os fieis possam alistar-se na Pia União?* — Respondemos que a Santa Sé não prescreveu a idade; mas, como é necessario que os associados possam satisfazer aquellas obrigações que pelos estatutos lhes são impostas, as quaes a final de contas são muitissimo faceis; infere-se que é necessario ter, pelo menos, uso de razão. Dizemos que devem ter *pelo menos* uso de razão, porque seria para desejar que tivessem feito a primeira Communhão, para não ficarem privados das indulgencias plenarias, que ninguem póde alcançar, sem a prévia e ordinaria condicção de se terem confessado e commungado.

D. 2.ª — *Quando é que se lucra a indulgencia plenaria, concedida aos que se alistam na Pia União?* — Segundo o Decreto da S. C. das Indulgencias de 4 de maio de 1894, póde lucrar-se no mesmo dia da admissão, ou no domingo immediato.

D. 3.ª — *De que modo poderão os Religiosos ou Religiosas d'uma Communidade satisfazer á prescripção dos estatutos da Pia União, que ordenam se dê uma esmola todas as vezes que se recebe qualquer graça?* — Podem fazel-o muito facilmente, recitando, por exemplo, um *De profundis*, visitando a Via Sacra, ouvindo uma Missa, fazendo alguns actos de mortificação ou coisas similhantes. Chamam-se isto esmolas espirituaes, e são de grande allivio para as pobres almas que soffrem tormentos horriveis no Purgatorio.

D. 4.ª — *Poderão os membros da Pia União recitar em commum as rezas prescriptas nos Estatutos?* — Dizemos que não só podem taes preces ser feitas em commum, senão que até é mais util; e isso por dois motivos, por causa da grande edificação que d'ahi resulta, e tambem porque as orações feitas em commum são muito mais agradaveis a Nosso Senhor, do que as que se fazem em privado.

* * *

Museu antoniano. — No Collegio de S. Antonio' em Roma, começou a installar-se um museu antoniano, por iniciativa dos membros da Pia União. N'elle se vão collocar todas as obras de reconhecido merecimento artistico ou litterario, que tenham relação com S. Antonio.

As revistas antonianas estrangeiras já teem recebido diversos objectos, que depois remettem para Roma. A «Voz de S. Antonio» espera que os seus amaveis leitores lhe offereçam alguma coisa para o museu antoniano, e tudo será fielmente enviado ao seu destino.

Duas coisas temos em vista fazendo este appello aos amaveis leitores da «Voz»: — a devoção com o nosso Grande Portuguez, e o amor da Patria; a devoção com o Santo, porque tanto mais glorificado elle será, quanto maior fôr a riqueza e variedade do museu; o amor da Patria, porque desejavamos que Portugal, nossa querida Patria, tivesse lugar mui especial no museu antoniano.

Depende dos generosos leitores da «Voz», mórmente dos membros da Pia União, a realisação dos nossos desejos.

* * *

Chronica da Pia União. — A obra da Pia União faz admiraveis progressos em toda a parte.

Italia. — Os italianos continuam com fervor a alistar-se na Pia União. Veio honrar o cathalogo dos Cardeaes, já ennumerados no primeiro numero da «Voz», o Em.mo Snr. Cardeal Luiz Masella, Prefeito da S. C. dos Ritos, e antigo Nuncio de Sua Santidade em Lisboa. O Em.mo Cardeal Bianchi, Pro-Datario de S. Santidade.

S. Antonio não se deixa vencer em generosidade.

Em Roma, por exemplo, um membro da Pia União, tendo perdido uns papeis, de que dependia toda a fortuna d'uma familia, e, depois de procurar inutilmente, tendo recorrido ao Santo, immediatamente os encontrou. — Um outro, que costuma trabalhar no Collegio de S. Antonio, centro da Pia União, tendo seu filho em perigo de morte, recorreu a S. Antonio, e obteve a cura desejada.

França. — A Pia União faz em França admiraveis progressos. Diversos Prelados se teem alistado na Pia União; registramos com prazer o Nuncio de S. Santidade em Paris, Mr. Domingos Ferrata.

Em Paris um peccador, por cuja conversão os fieis pediam ha muito tempo, converteu-se quando rogaram por elle a S. Antonio. — Uma pessoa, em perigo de vida, obteve milagrosamente a saude por intercessão de S. Antonio. — Uma eschola catholica, condemnada pela auctoridade local a ser fechada, ainda se conserva, graças á protecção de S. Antonio, a quem recorreram os pais catholicos das creanças ali educadas.

Belgica. — S. Antonio vae remunerando a piedosa devoção que os belgas lhe consagraram sempre. Uma pobre mulher, cujo marido se embriagava de continuo, tratando-a depois muito mal, tendo recorrido a S. Antonio, teve a consolação de o vêr mudar de costumes, tornando-se um marido exemplar. — Um mancebo sem emprego obteve-o recorrendo a S. Antonio. — Morreu em Anvers com fama de grande perfeição o Padre João Nepomuceno, religioso de S. Francisco, devotissimo de S. Antonio, e que obteve, como escrevem d'aquella cidade, mais de duzentas graças para os fieis, durante os ultimos seis mezes que os Superiores para ali o mandaram.

Hespanha. — E' verdadeiramente consolador o movimento que tem excitado entre os hespanhoes a Pia União. Só a bem redigida revista mensal de S Thiago, *El eco Franciscano,* havia angariado, até ao fim do mez de janeiro, 41:161 associados.

S. Antonio cumule de bençãos quem, com tanto zelo e boa vontade, propaga a sympathica devoção do grande Servo do Senhor.

Cairo (Africa). — N'esta parte do mundo vae sempre crescendo o numero dos associados. A devoção de S. Antonio espalha-se com grande rapidez.

O Superior dos Religiosos de S. Francisco, n'aquella cidade, começou a edificar em *Zeitun* uma Igreja em honra de S. Antonio.

O grande Thaumaturgo Portuguez vá em seu auxilio.

Portugal. — Graças a Deus, e ao seu Fiel Servo, S. Antonio, os portuguezes ouviram o appello que fizemos no primeiro numero da nossa humilde revista. A causa não póde ser nem mais santa, nem mais patriotica; é porisso que os portuguezes, sempre zelozos em tudo que possa redun lar para bem da Religião e da Patria, se deram pressa a alistar-se sob a bandeira de S. Antonio.

Com prazer podemos contar entre os nossos Associados o Em.mo Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa. Fazemos votos ao Ceo, para que os outros Ex.mos Snrs. Bispos de Portugal honrem a Pia União com seus nomes, imitando o piedoso exemplo do Ex.mo Purpurado, que ora preside aos destinos do Patriarchado.

Ahi vae o numero dos associados que já recebemos, e cujos nomes, copiados em papel especial, já remettemos para o Padre Director geral da Pia União.

Não publicamos aqui os nomes, porque, como dissemos no fasciculo precedente, não o fariamos se o numero dos associados crescesse muito. Ora, como, graças a Deus, se verificou o que previamos, eis a razão porque só indicamos o numero, a localidade, o Bispado e o nome dos que mais se distinguiram por seu zelo na prepagação da nossa Pia União.

Recebemos até ao dia 14 de fevereiro:

Do Patriarchado de Lisboa, 1267, sendo:

Da cidade de Lisboa, graças á valiosa cooperação do Rev.mo P.e Bernardino Justino, Commissario da Ordem 3.ª, e do Rev.mo P.e Antonio Rodrigues Soares . . .	587
Alemquer	7
Torres Vedras	13
Peniche	7
Lourinhã	30
S. Martinho do Porto	2
Torres Novas	2
Obidos	3
Caldas da Rainha	2
Cintra	1
Cascaes	1
	655

Transporte . . .	655
Athouguia da Balêa	567
N'esta freguezia, graças ao muito zelo dos bons Padres do Collegio de S. Bernardino, a Pia União está já muito florescente.	
Roliça	6
Peral	1
Moledo	4
Villar	3
Otta.	8
Miragaia	1
Vimeiro	9
A dos Cunhados	3
Serra d'El-Rei.	2
Archidiocese de Braga, 78, sendo:	
Da cidade de Braga	77
S. Miguel das Marinhas (Espozende) . .	1
Archidiocese d'Evora, 10, sendo:	
Da cidade d'Evora.	1
Boa Fé	9
Diocese do Porto, 22, sendo:	
Da cidade do Porto	3
Fregim	19
Diocese de Coimbra, 71, sendo:	
Da cidade de Coimbra.	1
Sebal Grande (por iniciativa da Ex.ma Snr.a D. Carlota de Mattos Mascarenhas Mancellos d'Aragão).	69
Pertunhos	1
Diocese de Lamego:	
Castello de Paiva (Sardoura).	1
Diocese de Bragança:	
Chaves	2
Diocese de Portalegre:	
Portalegre	3
Diocese do Algarve:	
Tavira	2
Diocese d'Angra (Açores):	
Angra	3
De outras diversas partes.	32
	1483

CULTO DE S. ANTONIO

Devoção de S. Antonio na Syria. — Festas centenares na Italia, na California e em Portugal. — Chronica do Pão dos pobres. — Historia engraçada: *Um marido inesperado.*

DEVOÇÃO DE S. ANTONIO NA SYRIA

Disse a nossa Revista, no seu primeiro numero, que a devoção de S. Antonio era tão popular, que até os proprios turcos o invocavam nas suas necessidades.

E não disse nada de mais. E' mesmo assim. Ora ouçam os leitores da «Voz», e depois julguem, se dissemos ou não verdade.

Ao nordeste da cidade de Tripoli, na Syria, a distancia de quatro kilometros, pouco mais ou menos, d'aquella cidade, levanta-se uma mesquita musulmana, que os arabes denominam *Baddani*, que em Portuguez corrente quer dizer de *Padua* [1]. Esta mesquita foi outr'ora devoto santuario, dedicado a S. Antonio de Lisboa, onde todos os dias concorriam do visinho convento os religiosos de S. Francisco, a fim de louvarem a Deus Nosso Senhor.

O pittoresco conjuncto de convento e santuario ainda hoje existe.

As diversas vicissitudes por que passou este santuario, conservam-se ainda mui frescas na memoria dos povos circumvisinhos; e, apesar da transformação radical que soffreu com os novos habitantes, um observador attento breve reconhecerá a primitiva fórma, tanto da Igreja como do Convento. A mesma palavra *Baddani* tem significação identica aquell'outra *Baduani*, pela qual é conhecida entre os christãos d'Arabia o nosso milagroso Thaumaturgo. Os musulmanos transformaram o verdadeiro termo *Baduani* n'est'outro *Badani*.

O santuario onde outr'ora habitavam os religiosos de S. Francisco, levantando ao ceu fervorosas preces por toda a christandade, e d'onde sahiam a evangelizar e civilizar os filhos do deserto, é habitado agora por musulmanos, inimigos declarados da fé de Jesus Christo e da verdadeira civilização. Um *Iman* turco se apoderou do convento, fazendo d'elle sua habitação.

Não admira que os mahometanos assim façam, porque, afinal de contas, que havemos nós de esperar dos barbaros seguidores de Mafoma? O que porém surprehende devéras, é que entre catholicos se tenha feito isso e muito mais do que isso...

Quando penso que em Portugal, na minha querida patria, se transformam os templos do Deus vivo em pocilgas immundas, e onde, em tempos não mui remotos, subiam até ao throno do Altissimo os hymnos sagrados de envolta com as espiraes d'incenso, hoje se ouve o relinchar dos cavallos..., quasi, quasi me envergonho de ser portuguez, sóbe-me o rubor ás faces e dá-me vontade de cobrir o rosto com as mãos e deixar correr as lagrimas!... Mas não levantemos o véo que esconde esses factos vergonhosissimos da nossa historia contemporanea. Os historiadores imparciaes que apontem as chagas para escarmento, e nós voltemos aos turcos da Syria.

E' deveras curioso vêr a devoção com que os seguidores de Mafoma recorrem a S. Antonio, cuja imagem se venera na tal mesquita, e o fervor com que lhe pedem remedio para as suas necessidades, offerecendo-lhe os seus donativos, quando recebem alguma graça especial.

Os mahometanos costumam ser muito supers-

[1] Lá fóra custumam dizer *S. Antonio de Padua*, por ser Padúa o logar onde descança o corpo de S. Antonio, e onde tem feito os mais estrondosos milagres.

ticiosos, e por isso não admira que o sejam tambem com S. Antonio. Junto da tal mesquita brota uma nascente d'agua doce, cuja torrente vai desaguar a uma especie de lago, onde fervelha de continuo grande multidão de peixes de todas as qualidades e grandezas. Ora os turcos não só veneram *Baddani* (S. Antonio), senão que estendem a sua indiscreta devoção, ou superstição, aos taes peixes, e ai de quem lhes tocar; são sagrados, e tanto basta.

Por falta d'alimento é que elles não morrem, porque os turcos teem o cuidado de lhes trazer diversas iguarias, que os taes animalejos devoram á porfia.

Os christãos residentes nas immediações de Libano, menos supersticiosos do que os seguidores de Mafoma, veem, lá de quando em quando, pelo silencio da noite, e, como são muito numerosos, fazem n'elles abundante pesca.

Quem sabe se estes peixes não foram transportados para aquelle lago pelos antigos christãos, a fim de terem sempre, com a sua presença, uma viva imagem dos que ouviram com muita compostura o milagroso sermão de nosso Santo na cidade de Rimini?

*

FESTAS CENTENARES — ITALIA

Em Padua trabalha-se vigorosamente para que seja solemnissimo o setimo centenario do glorioso S. Antonio. Além das peregrinações italianas, que se estão organizando em diversas cidades da Italia, falla-se alli em peregrinações hespanholas, austriacas, belgas e americanas. Tambem se falla em Portugal, e, a fallar a verdade, seria uma vergonha se não fossemos representados por uma piedosa perigrinação. E' bom que nos lembremos que S. Antonio é portuguez.

Já foi collocada na esplendida Basilica do nosso Santo um riquissimo pulpito, e em breve ficará assente um novo orgão, que, segundo dizem homens entendidos na materia, é uma maravilha no seu genero. São activissimos os trabalhos que se estão fazendo no altar de *Donatello,* na capella do Santissimo Sacramento, e na abside, que tornará de novo a rehaver a fórma gotica, que era a primitiva.

O celebre maestro *Tebaldini,* incumbido de dirigir as orchestras que resoarão na magnifica basilica, está dispondo as composições musicaes que devem ser executadas durante os festejos. Executar-se-ão as composições antonianas que mais celebres se teem tornado.

Na Italia todos são unanimes em tecer rasgados elogios ao benemerito Bispo de Padua, Mr. Callegari, que se tem mostrado infatigavel e activissimo em promover na sua diocese as festas centenares em honra de Santo Antonio.

Honra ao benemerito e zeloso Prelado!

*

AMERICA

Por iniciativa d'alguns bons catholicos portuguezes, residentes em S. Francisco da California (America), está-se construindo n'aquella cidade uma capella em honra de Santo Antonio, para commemorar o septimo centenario do seu nascimento.

Dizem que os mesmos portuguezes estão organisando uma peregrinação para virem a Lisboa, durante as festas centenares, visitar a casa onde nasceu o nosso Santo.

Bem hajam os nossos patricios da California.

*

PORTUGAL

Estampilhas antonianas. — Foi já resolvida a emissão de estampilhas especiaes para commemorar o septimo centenario do nosso glorioso Thaumaturgo.

O snr. presidente do conselho ordenou que n'este negocio se intendesse o snr. conde d'Avila com o snr. director da Casa da Moeda. Consta, segundo declarou o snr. conselheiro Augusto José da Cunha, que as estampilhas estarão promptas dentro de tres mezes.

A ex.ma commissão dos festejos encarregou o distincto pintor, snr. Carlos Reis, de fazer os esquissos para o sello.

Obras na Egreja de S. Vicente. – Na Egreja de S. Vicente, em Lisboa, e no mosteiro que lhe está adnexo, consta-nos que se trabalha activamente, para que tudo esteja á altura dos festejos que se projectam.

Congresso catholico. — Consta que será celebrado em Lisboa, na occasião das festas centenares, um congresso catholico. A ideia é optima, a occasião é opportunissima, e a utilidade summa.

Grandes questões se poderiam resolver com o congresso e de summa importancia.

Um congresso catholico é sempre bom, até no caso de ser mal planeado. Ha bastante tempo a esta parte nós os portuguezes somos muito especulativos; e é mister que sejamos praticos. Boa mésinha para similhante achaque é o congresso catholico.

Encommendamos este negocio ás orações dos nossos piedosos assignantes.

Os festejos em S. Vicente. — N'esta egreja será cantada, durante o centenario, uma missa composta pelo distincto maestro portuguez, o snr. Adolpho Sauvinet.

Compôr-se-hão os coros de 130 cantores, sendo 60 senhoras da nossa primeira sociedade e 70 distinctos amadores.

No fim da missa tocar-se-ha o grande hymno, tambem composto pelo maestro Sauvinet, com lettra do nosso grande poeta, o snr. conselheiro Thomaz Ribeiro.

O asylo-officina de Santo Antonio. — Em Lisboa fundou-se ha tempos uma associação cujos fins eram e são os seguintes:

«1.º Promover com o caracter d'uma consagração nacional o septimo centenario do Thaumaturgo portuguez.

«2.º Fundar e manter um asylo-officina para creanças, onde se lhes ministre uma educação industrial e profissional, habilitando-as a adquirir de futuro os meios de vida, tornando-se por esta fórma elementos de trabalho util.

«3.º Instituir no mesmo asylo caixas economicas escolares, radicando no espirito das creanças a ideia de economia, ministrando-lhes tambem largamente o ensino das instituições de previdencia, demonstrando-lhes a sua utilidade immediata e pratica».

Os trabalhos da piedosa e patriotica instituição teem sido coroados com exito muito feliz. A casa onde se encontram as asyladas é bastante acanhada; a este inconveniente occorreu a ex.ma Camara de Lisboa cedendo do terreno necessario para se edificar um novo asylo-officina, mais espaçoso e mais apto para o fim que se tem em vista. A proposta, unanimemente approvada pela ex.ma camara, foi feita pelo illustre vereador o ex.mo snr. José Martinho da Silva Guimarães, nos seguintes termos:

«Com o fim de celebrar de modo duradouro o centenario de Santo Antonio, fundou-se em Lisboa uma sociedade protectora da infancia asylo-officina Santo Antonio de Lisboa:

«Considerando que educar pelo trabalho é o pensamento civilisador da instituição nascente;

«Considerando que os factos notaveis dos grandes vultos da nossa historia devem ser celebrados com pompa;

«Considerando que as commemorações se consagram com monumentos, quer esculpidos no marmore, ou fundidos em bronze;

«Considerando que á insensibilidade das estatuas e á enercia dos obeliscos se contrapõe a actividade do trabalho e fervor do sentimento;

«Considerando que a sociedade já tem o seu instituto, mas installado em casa que lhe não pertence, tenho a honra de propôr:

«1.º — Que seja concedido gratuitamente á benemerita commissão, representada pelos corpos gerentes da *Sociedade Protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa* o terreno municipal necessario na projectada avenida dos Anjos para esta sociedade alli edificar o seu asylo-officina;

«2.º — Que fique ligado este facto com a celebração do centenario de Santo Antonio;

«3.º — Que esta cedencia de terreno é feita sob a condição de que voltará para a posse do municipio, logo que por qualquer circumstancia, tenha cessado a instituição da *Sociedade Protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa.*

Recebemos e agradecemos, muito penhorados, o relatorio do asylo-officina.

Recommendamos á beneficencia dos nossos amaveis assignantes, principalmente de Lisboa, o novo asylo. A caridade é abundante fonte de receita, porque, como se costuma dizer «quem dá aos pobres empresta a Deus.»

Escholas de Santo Antonio. — A cidade do Porto não quer desdizer das suas nobilissimas tradicções. Vê os portuguezes trabalhar com enthusiasmo na glorificação do grande Santo e grande portuguez — Santo Antonio, e por isso não quer ficar na rectaguarda do movimento antoniano. Faz muito bem.

A nobre cidade reconhece por um lado a influencia que exerceu em todos os tempos o grande Filho de S. Francisco, e por outro lado vê, que a «sociedade portugueza vae perdendo pouco e pouco o seu pristino valor, e o vigor da sua antiga crença, que a tornaram grande e respeitada; e tambem se conhece sem custo que os males, de que está soffrendo a nossa querida Patria, são devidos em grande parte, senão unicamente, ao entibiamento da fé e aos falsos principios, que vogam na nossa sociedade, de liberdade humana sem freio.»

Reconhece que estes grandes males que nos affligem, «são consequencia ou da falsa educação que se dá á juventude, ou da falta absoluta de educação e instrucção, segundo os preceitos da moral christã.» [1]

E que melhor modo de celebrar o centenario de S. Antonio do que occorrer a estes males por meio de escólas verdadeiramente christãs?

Ora ahi está porque no Porto se vão abrir as *Escólas de S. Antonio.* E quem deixará de animar os habitantes do Porto com o obulo da caridade em prol dos pobresinhos, que jazem na ignorancia á mingua d'instrucção, principalmente religiosa? Bem hajas cidade da Virgem! Santo Antonio te abençoará, e seus amigos não deixarão de te ajudar na piedosa e patriotica empreza.

Generosidade da Camara de Lisboa. — Foi sanccionada no ministerio do reino, a pedido da ex.ma Commissão das festas centenares, a piedosa e patriotica resolução que tomou a ex.ma Camara de Lisboa de offerecer 6:000$000 reis para o septimo centenario de Santo Antonio.

Oxalá que o exemplo da Camara de Lisboa seja incentivo de nobre patriotismo para todas as outras Camaras do reino.

A causa é altamente patriotica, é de todos os portuguezes; — todos portanto devem concorrer.

Um apostolo do centenario (?) — O *tal apostolo* é o *Diario de Noticias,* de Lisboa. Diz elle que lá fóra, nomeadamente na Italia, se preparam grandes festejos (e é verdade); mas cá nós os portuguezes estamos de braços cruzados, sem fazermos nada ou pouco mais que nada. Dil-o elle, já se entende, talvez pelo grande *affecto, piedade* e *devoção* que tem com Santo Antonio. Faz lembrar a fabula da dóninha e do rato: *Sic valeas, ut farina es.....*

Porém do que fica dito podem inferir os leitores da *Voz,* que em Portugal se trabalha devéras para que os festejos sejam esplendidos, e portanto pode o *Noticias* ir prégar a outra freguezia.

1 Circular da Ex.ma Commissão do Porto.

Composição musical em honra de Santo Antonio. — Recebemos, e agradecemos, da snr.ª D. Eugenia Le Crénier, illustre auctora de varias composições musicaes, uma valsa para piano consagrada *Ao 7.º centenario de Santo Antonio de Lisboa.*

Na capa com as côres da bandeira portugueza, estão nitidamente lithographadas as armas dos Bulhões e o tradicional lyrio com que costumam representar Santo Antonio de Lisboa.

Custa cada copia 400 reis. [1]

*

CHRONICA DO PÃO DOS POBRES

França. — Em toda a parte o Pão de S. Antonio tem encontrado sympathias; mas em França tem obtido resultados e tomado proporções admiraveis.

Estabeleceu-se esta devoção em *Thaon* (*Vosges*), onde tem rendido perto de 200 kilos de pão por semana para os pobrezinhos.

Foi tambem estabelecida a obra em *Saint-Etienne de Mont-Luc* (*Loise-Inférieure*); em *Saint-Saturnin* (*Aveyron*); nas tres capellas franciscanas de S. José, S. Estevão e *Saint-Lervan* (*Ille-et-Vilaine*); na freguezia de S. André (*Ardèche*); em *Le Lion d'Angers* (*Maine-et-Loire*); em *Haraucourt* (*Ardennes*); no orfanotrophio de *Douvaine* (Alta Saboia).

O nosso bom portuguez S. Antonio tem já sustentado em todas estas localidades muitos pobrezinhos.

Em Paris, na capella da rua de Francisco 1, recebeu S. Antonio, na segunda semana de Janeiro, 73 cartas em acções de graças. Foram collocadas no cofre de S. Antonio, n'essa mesma semana, 394 cartas recommendando as seguintes necessidades: 66 curas, 25 graças espirituaes, 78 graças temporaes, 24 conversões, 39 empregos, 12 vocações, 17 matrimonios, 4 escólas, 5 casas de commercio, 3 processos, 97 graças particulares, 4 exames, 16 familias, um congresso catholico, etc....

Na ultima semana de Janeiro entraram no mesmo cofre de S. Antonio 589, sendo 102 em acção de graças e 487 pedindo diversas graças a S. Antonio.

Terra Santa (Asia). — E' bem sabido quanto soffrem os religiosos e religiosas, a quem a divina Providencia confiou o cuidado de serem os custodios dos sagrados logares, regados com o sangue preciosissimo de nosso Divino Redemptor.

Tambem lá chegou S. Antonio com a sua caridade.

A seguinte carta, escripta por uma superiora de religiosas, confirma a nossa asserção.

Eis as suas palavras: «Viva S. Antonio! Haviamos-lhe promettido pão para os pobres; cem mil *Padre Nossos, Ave Marias* e *Gloria Patri* pelas almas do Purgatorio; durante sete annos um jejum a pão e agua aos sabbados em honra da Santissima Virgem. Fomos ouvidas e tiradas da miseria por um caso inesperado e que nem pelo pensamento nos passava. Fomos contempladas em um testamento com 20:000$000 reis. Para gloria de S. Antonio dignae-vos publicar a graça obtida.»

Portugal. — Em Portugal a nossa revista já começa a excitar certo movimento a favor do Pão dos pobres Graças a Deus!

Alguns dos nossos asignantes já teem enviado esmolas para o Pão dos pobrezinhos. Cumpriremos fielmente a intenção d'estes piedosos amigos de S. Antonio, logo que esta sympatica devoção se estabeleça em Braga, o que esperamos em S. Antonio será brevemente.

A Superiora Geral das Irmãs Hospitaleiras em Portugal escreveu-nos de Lisboa a seguinte carta:

«Do primeiro numero da Voz do nosso querido Thaumaturgo já tirei fructo alcançando um milagre! Lendo que muitas pessoas lhe escreviam fazendo petições, e que teem obtido feliz despacho fiz o mesmo; porque tendo requerido pelo Ministerio das Obras Publicas, obras para a nossa egreja, isto ha mezes, e tendo escripto ao Ministro varias vezes renovando o pedido, e sempre sem resultado, lembrei-me de fazer a minha petição e fazendo a promessa, de que, se fizessem as obras brevemente, daria todos os dias 13 de cada mez pão aos pobresinhos, a quem dou sopa: veja M. B. J., que 4 dias depois recebo a noticia de que começariam no dia 11, e já hoje começou a entrar material para ellas! Dou esta noticia que tanto me consolou, para lhe assignalar a graça, que Elle nos concedeu.»

Como noticiamos n'outro logar d'esta revista a *snr.ª D. Eugenia Le Crénier* publicou uma composição musical para commemorar o 7.º centenario de Santo Antonio.

Conta-nos ella na sua carta de 13 de fevereiro o seguinte:

«No dia 24 de dezembro de 1888, n'uma viagem de S. Paulo a Tatuhy (Brazil) perdi, ou me foi roubado, um cofre, onde, em joias e dinheiro, tinha todos os meus haveres. Mandei inserir um annuncio no jornal da localidade, que mando incluso, e prometti dar 100$000 reis e perdoar a quem m'o tivesse roubado. Quando fiz a oração a Santo Antonio, pareceu-me sentir uma voz que me dizia que o cofre appareceria. Grande foi a admiração de todos, quando, tres dias depois, appareceu um preto a cavallo, com a caixa debaixo do braço, arrombada, sem faltar coisa alguma. Cumpri a promessa dando os 100$000 reis. Esse acontecimento augmentou minha fé».

«No dia 20 de setembro de 1891, ao levantar da cama, dei por falta de uma medalha de Nossa Senhora da Conceição, pela qual tenho uma grande estimação, por ser tocada na gruta de Lourdes, etc. N'aquelle dia fui visitar uma senhora que estava agonisando, e cuja vida foi exemplar; contei-lhe minha afflicção por causa da medalha que tinha sido minuciosamente procurada, ella deu me uma oração, dizendo que tivesse confiança; recitei-a á noite de joelhos ante a imagem do Santo, e principiei de novo a procurar. Já cançada e triste, quando estava para me deitar senti não sei que foi que me tocava de leve na cabeça, e ao mesmo tempo senti cahir sobre mim a medalha. Fiquei perplexa e convencida da nova graça de Santo Antonio, porque do cabello não podia ter cahido, pois que já me tinha penteado».

*

UTILIDADE DO PÃO DOS POBRES

No primeiro numero da *Voz* viram os leitores o que era a devoção do pão de S. Antonio, e qual a utilidade que de tão sympatica instituição poderia advir para a resolução da tão decantada questão social. Agora poder-se-ha perguntar:

— Mas que outras utilidades tem esta devoção?

— Muitas, leitores amigos.

Um dos males da sociedade do nosso seculo, e, para que occultal-o? especialmente do nosso pobre Portugal, é o *indifferentismo.*

Cá entre nós por tudo ha-de a gente interessar-se, por tudo. E' interessante o commercio, as artes, a politica, a moda, o que dizem, o que sonham e estão para sonhar certos *papeis*, e outras coisas *ejusdem furfuris*; mas, quando se trata de religião, não sei que torpor se apoderou de nosso espirito, o caso é que a tratam de resto — é verdadeiramente lettra morta.

E' triste, tristissimo, lá isso é; mas é uma verdade tão evidente, que nem sequer me dou ao trabalho de a demonstrar.

E não é porventura o indifferentismo um grande mal? Claro, que sim. E' um mal e não pequeno; é uma enfermidade, e bem contagiosa que ella é. Portanto evidentemente se infere a grande necessidade que ha de applicar ao corpo social um e muitos toxicos, que tenham a virtude de excitar uma tal ou qual reacção. Ora é clarissimo que, sem

[1] Os nossos assignantes, que desejarem possuil-a, podem dirigir-se ao nosso thesoureiro, o Ex.mo Snr. Domingos José de Sousa Gomes—Pharmacia dos Orphãos—Braga.

principios religiosos, uma sociedade não pode subsistir; porque a religião é por assim dizer a virtude e actividade d'esse grande corpo moral a que chamam sociedade.

E de facto sem principio d'auctoridade não se concebe uma nação, porque na nação deve haver ordem; e esta nunca foi nem será ordem se carecer d'um chefe, que a sustente e dirija.

Agora pergunto eu:

— Quem foi que deu ao rei, ao imperador, ao presidente da republica, ou a outro superior qualquer, direito de prescrever e promulgar leis e de impôr preceitos?...

— *A força?* Mas o homem é um ser intelligente; é por sua natureza politico; e por tanto não ha de ser a força que o ha de dobrar.

— *A intelligencia?* Não, não póde ser, porque então só os mais intelligentes deviam ser superiores, e nós vemos não raras vezes, subditos muito mais intelligentes que seus superiores.

— *O tacito consentimento dos subditos?* Estavamos arranjados, se assim fosse, porque n'esse caso os subditos poderiam privar seus superiores do que lhes haviam concedido.

Em que se funda pois o principio da auctoridade? *Na religião.* Nós havemos de obedecer aos nossos superiores, porque todos nós cá dentro em nosso coração temos escripto, em caracteres indeleveis, uma verdade, gravada pelo dedo de Deus, a qual nos segreda que, «todos os subditos devem obedecer a seus superiores»; porque no Decalogo, se nos impõe: «Honra teu pae e tua mãe», isto é, todos os teus superiores; porque na lei Evangelica se nos diz: «Obedecei a vossos superiores, por maus que elles sejam» porque diz Deus, dirigindo-se aos superiores — «quem vos ouve a vós, ouve-me a mim, e quem vos despreza, a mim despreza». Todos estes preceitos da lei natural, escripta e divina nos são propostos pela religião. Quem os abraçar incondicionalmente será bom christão e bom cidadão, o que os olhar com indifferença, não será amante nem da religião nem da patria.

Qual é pois a causa da nossa decadencia nacional? Querem os leitores da *Voz* conhecer a causa de nossos males? E' muito simples—é o *indifferentismo.*

Mas que remedio poderão empregar os catholicos, para combater o indifferentismo? *A reacção religiosa.*

—Tem graça dirá alguem! Mas a que proposito vem agora a reacção religiosa para o pão dos pobres?

— Vem muitissimo a proposito. E' que esta devoção tem a singular propriedade de excitar a reacção religiosa.

E ahi está uma das suas utilidades, a chronica do pão dos pobres que o diga.

O MARIDO INESPERADO

Vivia em Roma, pelo meado do nosso seculo, uma senhora mais rica de esperanças que de fortuna.

Nascera, é verdade, de nobre familia, e tinha sido creada e educada na abundancia; porém, em breve tempo perdeu tudo, o marido que estremecia e a fortuna em que vivera até então.

E' assim a louca da fortuna, — é a modo de roda, que tanto anda como desanda.

Mas, como ia contando, na casa da tal senhora só moravam duas pessoas, era ella e sua unica filha, que não havia de receber em herança outro dote mais do que a pobreza, e as muitas virtudes que já ornavam seu espirito.

Já se entende que riquezas d'esta ordem são agradaveis aos olhos de Deus, mas, para a maior parte dos filhos d'este seculo, a bem dizer, pouco ou nada valem: por isso a pobre menina lá ficava esquecida no lar domestico, solteira, ao lado de sua mãe, a quem ajudava a supportar as agruras da pobreza com o trabalho de suas mãos.

A pobre senhora, que já ia declinando para o occaso da vida, toda se affligia com a lembrança de que havia de deixar em breve sua estremecida filha á mingua de amparo e protecção; e muito maiores eram os temores da pobre coitada, quando se punha a meditar nas virtudes que em sua filha ornavam uma alma candida e simples, e que, a par d'estes bellos dotes d'espirito, Deus Nosso Senhor a prendára com a mais rara belleza.

Oh! E quanto é nobre o terno amor da mãe christã!

Era na mesma simplicidade e formosura de sua filha que a pobre senhora parecia vêr no futuro as causas que haviam de expôl-a a grandes perigos, e acarretar-lhe talvez lamentaveis desgraças.

Assim se passaram os dias, sem que a paz domestica fosse perturbada, n'aquella pacifica morada de pobres. A mãe lá ia curtindo os desgostos que a consideração do futuro lhe proporcionava; a filha, essa, descuidada do futuro, lembrada só do dia de hoje, ajudava sua mãe, e a consolava, como boa filha que era.

Porém, o esquecimento do mundo, que só estima os grandes paços, havia apertado os vinculos com que a natureza ligára os corações de mãe e filha.

Ora é bem de vêr que nunca houve segredos entre corações que se amam. Certo dia, pois, a mãe dirigiu-se a sua filha n'estes termos:

— Sinto, minha filha, o peso dos annos; o tempo não respeita ninguem; breve terei que dar conta de todas as minhas acções ao nosso bom Deus.

A pobre menina, que muito longe estava de ouvir semelhantes palavras, pediu, impressionada, a sua mãe, que não continuasse a fallar d'aquelle modo, porque muito a affligiam seus dizeres; a mãe, porém, fez-lhe signal que a deixasse continuar, porque de summa importancia era o que desejava expôr.

— Sou, disse, já muito adiantada em annos; cada hora que marca o inexoravel relogio do tempo, é mais um passo que dou para a morte que sinto avisinhar-se; estou já, se póde dizer, com os pés na sepultura. Nada d'isto me afflige, porque, afinal, sou filha de Adão como os outros, e porisso hei-de morrer; deixarei o estado de pobreza para ir gozar no céo d'aquelles bens que espero de meu Senhor Jesus Christo. Só uma coisa me afflige; és tu, minha filha. Ficas para ahi pobre, desamparada, no meio d'um mundo corrompido, que de continuo arma laços á innocencia. Ah! filha! Se tu soubesses sequer os enredos que te prepara o mundo!...

E a pobre senhora parou.

A's suas palavras seguiu-se o silencio d'aquelles momentos solemnes, que as mais das vezes determinam do futuro de toda uma familia. Quem podesse então descortinar aquelle recinto, onde, apesar da grande ordem, resplandecia a pobreza, ha-